**METODOLOGIAS QUE PROMOVEM REPRESENTATIVIDADE E EXPRESSÃO DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA**

Pâmela dos Santos Silva - ProPEd - UERJ

Maria Clara Grivelli Trindade – Pedagogia – UERJ

Annie Gomes Redig – ProPEd - UERJ

**Resumo:** O texto traz uma revisão sistemática de literatura realizada na Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE) com o objetivo de buscar artigos que falem sobre mulheres com deficiência, com destaque para a relevância das diversas metodologias empregadas no que concerne ao incentivo à expressão, participação e representatividade desses sujeitos. De 1992 até 2023, foram encontrados cinco artigos, o que demonstra a urgência de ampliar a voz desse grupo ainda excluído da sociedade. A pesquisa evidencia a importância de utilizar metodologias que possibilitem que mulheres com deficiência sejam ouvidas a partir de suas trajetórias.

**Palavras-chave:** Mulher, Deficiência, Metodologias

**Introdução**

Historicamente, Pessoas com Deficiência (PcD) foram colocadas em lugar de subalternidade e exclusão em relação aos interesses políticos de muitas nações, instituições e modelos culturais pautados numa lógica de normatização, regulação do corpo e formas únicas de desenvolvimento intelectual. A concepção de deficiência foi sendo construída ao longo do tempo e acarretou diferentes entendimentos acerca destes sujeitos e a construção dessa representação na sociedade deve-se às condições históricas, políticas e legais que foram constituindo a nossa sociedade.

As mulheres também se encontram em um grupo que por séculos foi silenciado, pautado em uma cultura patriarcal que a colocava em lugar de subalternidade. Ao longo do tempo, a passos lentos, é possível perceber que a mulher foi ocupando seu espaço na sociedade e algumas mudanças foram acontecendo, como a sua inserção no mercado de trabalho, no ensino superior e no cenário político. Apesar de algumas conquistas, ainda hoje, elas precisam continuar lutando para romper com essa cultura excludente que ainda está enraizada na sociedade.

De acordo com Farias (2017), em uma sociedade tão sexista e capacitista é fundamental ir além dos programas sociais, é primordial escutar essas mulheres, possibilitar que elas falem de suas necessidades e a partir desse movimento investir em ações que busquem uma sociedade mais inclusiva para todos. Trazer a voz dessas mulheres através de metodologias de pesquisa é um caminho viável e que traz representatividade e possibilita acesso à informação.

Diante do exposto, este artigo busca analisar os tipos de metodologias que vem sendo utilizadas nas pesquisas publicadas na RBEE e discutir a importância de metodologias destinadas a conceder voz aos sujeitos, em especial às mulheres com deficiência que cotidianamente, em diferentes espaços sociais são negligenciadas pela sua dupla condição de vulnerabilidade.

**Metodologia**

A metodologia utilizada para a pesquisa foi a Revisão Sistemática da Literatura – RSL (Medrado; Gomes; Sobrinho, 2020), realizada nos periódicos da RBEE, no período de 1992 até 2023 e teve como critério de seleção publicações referentes as mulheres com deficiência.

No presente artigo, após uma pesquisa criteriosa, foram encontrados cinco artigos, no qual o primeiro foi publicado em 2008 e o último em 2021, e nessa análise buscamos compreender como estas pesquisas vêm sendo realizadas para ampliar esse debate e consequentemente de que forma elas vem ampliando a voz dessas mulheres.

**Vivências marginalizadas: metodologias inspiradoras e informativas.**

Dentre os estudos pesquisados, as deficiências e os assuntos centrais foram bastante diversificados. Dentre os cinco artigos, dois tinham como sujeitos de pesquisa duas pessoas com Deficiência Intelectual, uma com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), uma com Deficiência Visual e um dos artigos não especificou o(s) tipo(s) de deficiência(s) das participantes.

Pautado na RSL, este artigo vem fazer uma breve reflexão sobre a importância das metodologias utilizadas nos artigos pesquisados, uma vez que a maioria vem apresentando metodologias que de alguma forma ampliam a voz dessas mulheres, que se deparam com tantas barreiras culturais pela condição de gênero e de PcD.

E trazendo a metodologia de pesquisa como o foco da nossa discussão, Ivenick e Canen (2016, p.1) definem que “A expressão “metodologia da pesquisa” pode ser usada no sentido restrito e instrumental de coleta e tratamento das informações, ou no sentido amplo de abordagem ao processo de produção de conhecimento, o que envolve também aspectos teóricos e conceituais.” Ao analisar as publicações pesquisadas da RBEE, foi possível identificar metodologias de pesquisa qualitativas, com instrumentos de coleta de dados variados e que serão apresentados a seguir.

Nos artigos de Barros, Williams e Brino (2008) e de Dantas, Silva e Carvalho (2014) os autores trazem à tona, de formas diferentes, uma importante discussão sobre abuso sexual e vulnerabilidade de mulheres com deficiência intelectual e a importância de trabalhar habilidades para a autoproteção e autoadvocacia. Essa reflexão foi construída embasada em entrevistas estruturadas e semiestruturadas com questões fechadas e abertas e de observações do cotidiano da entrevistada (trabalho e lazer) sobre a vida dessas mulheres, que trouxeram um pouco sobre como elas pensam e agem diante desse tipo de situação e de que forma o empoderamento delas fortalecem-nas e tiram-nas desse lugar de incapazes.

No texto de Pérez e Freitas (2012), elas fizeram um estudo de caso, revisitando a história de vida de duas mulheres com AH/SD que foram diagnosticadas tardiamente e mesmo depois de alguns anos, ainda apresentavam dificuldades em se aceitarem enquanto mulheres nesta condição, de valorizarem suas potencialidades e consequentemente em construírem essa identidade específica.

As autoras utilizaram um questionário individual de identificação de indicadores de AH/SD em três anos distintos, além de uma entrevista semiestruturada com questões abertas que refletissem aspectos pessoais, familiares, escolares, laborais e interpessoais, além de observações diretas das participantes. Também utilizaram o questionário com pessoas que conheciam as participantes há mais de dois anos, como forma de contrastar as respostas.

Dentre as técnicas de coleta de dados utilizadas, as entrevistas foram fundamentais uma vez que possibilitaram que as participantes falassem de sua trajetória, as diversas relações, os desejos, os sucessos e frustrações e sobre como elas se percebem enquanto mulheres com AH/SD (Pérez; Freitas, 2012). E esses dados enriqueceram a pesquisa, tornando os resultados mais próximos da realidade, uma vez que traz a voz dessas mulheres para o contexto da pesquisa.

Silva e Gonzáles-Gil (2017) realizaram uma revisão de literatura do ano de 2013 a 2017, focando em pesquisas qualitativas, dentre as quais algumas foram baseadas em entrevistas e observações. Tal pesquisa trouxe uma questão relevante do cenário educacional que é a acessibilidade de mulheres no ensino superior, que ainda é um desafio em nossa sociedade, visto que quem consegue chegar a este nível de ensino, muitas vezes é pela força da lei, geralmente não são acolhidas e não recebem o apoio necessário para ultrapassarem as barreiras que aparecem ao longo do caminho.

Pieczkowski e Gavenda (2021) evidenciam em sua pesquisa a narrativa de trajetórias de mulheres com deficiência visual pautando a análise, principalmente nos processos de acessibilidade e inclusão social. Utilizaram como metodologia a revisão de literatura, o que evidenciou a ausência de estudos sobre o tema abordado. As autoras também utilizaram entrevistas narrativas que possibilitaram que as mulheres entrevistadas trouxessem suas vivências, percepções e (re)significações diante da sua trajetória e da realidade em que vivem, evidenciando seus desafios e possibilidades no contexto atual. Esse tipo de coleta de dados enriquece significativamente as pesquisas, trazendo de forma mais sensível e real as perspectivas do sujeito da pesquisa, mas evidenciando o foco de estudo do pesquisador.

Diante das pesquisas analisadas, é possível pensar sobre a importância de investir em metodologias de pesquisa que evidencie a trajetórias de mulheres com deficiência ou outras questões de desenvolvimento e aprendizado, de forma que outras mulheres e a sociedade em geral, possam conhecer as barreiras que muitas vezes são impostas culturalmente e impedem que mulheres construam sua própria identidade a partir de suas diferenças, levando-as a desacreditarem e/ou a ocultar as suas potencialidades. Disseminar essa discussão através da ampliação da voz dessas mulheres é fundamental para o debate.

**Conclusão**

Durante as nossas pesquisas na RBEE, foi possível perceber o quanto a temática “Mulher com deficiência” ainda é escassa, uma vez que encontramos apenas cinco artigos sobre o tema em um período de 31 anos. Encontramos uma variedade de subtemas dentro do tema central pesquisado e as deficiências também variaram, apenas deficiência intelectual apareceu em duas publicações. O que nos chamou atenção e era o foco do nosso estudo, foram as metodologias de pesquisa utilizadas. A maioria das ferramentas utilizadas, de alguma forma, valorizavam a voz dessas mulheres, traziam suas vivências, experiências e o seu olhar sobre si e sobre o contexto em que vivem, porém todas direcionavam o diálogo de alguma forma.

Diante no que foi encontrado e em um contexto em que PcD, em especial as mulheres, que historicamente sempre tiveram suas falas silenciadas por pertencerem a dois grupos ainda tão marginalizados, foi possível analisar a importância de ampliar a voz dessas mulheres. Diante das metodologias apresentadas, que apesar de fazer ecoar a história desses sujeitos, ainda trazem o pesquisador como o detentor do saber, uma vez que utilizam questionários e entrevistas com perguntas mais direcionadas para o foco que desejavam, não deixando o sujeito livre para falar o que de fato ele considera relevante (Glat, 2009).

As metodologias utilizadas nos artigos pesquisados possibilitaram que mulheres com deficiência tivessem suas histórias evidenciadas, através do seu olhar sobre a sua própria realidade, trazendo as barreiras enfrentadas, as possibilidades diante da sua realidade e as ferramentas de coleta de dados utilizadas, enriqueceram significativamente as pesquisas.

**Bibliografia**

BARROS, Roberta Dias de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque e BRINO, Rachel de Faria. Habilidades de auto proteção acerca do abuso sexual com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 14, n. 1, p. 93-110, 2008.

FARIAS, Adenize Queiroz de. *Trajetórias Educacionais de Mulheres: uma Leitura Interseccional da Deficiência.* 2017, 138 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9920/2/Arquivototal.pdf> Acesso em 28 de abril de 2024.

GLAT, Rosana. *“Somos iguais a vocês”: depoimentos de mulheres com deficiência mental.* 2ed, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.

IVENICK, Ana e CANEN, Alberto Gabbay. *Metodologia da pesquisa: rompendo barreiras curriculares.* Rio de Janeiro, Editora Ciência Moderna Ltda, 2016.

MEDRADO, Cylene, GOMES, Vivian Martins e SOBRINHO, Francisco de Paula Nunes. Atributos teórico-metodológicos da revisão da revisão sistemática das pesquisas empíricas em educação especial: evidências científicas na tomada de decisão sobre as melhores práticas inclusivas. In: NUNES, Leila Regina d’Oliveira. de Paula (Org.). *Novas trilhas no modo de fazer pesquisa em Educação Especial*. Marília, ABPEE, 2020.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera e FREITAS, Soraia Napoleão. A Mulher Com Altas Habilidades/Superdotação: à procura de uma identidade. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 18, n. 4, p. 677-694, 2012.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro e GAVENDA, Marizete Lurdes. Narrativas de Mulheres com Deficiência Visual. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 27, p. 139 - 156, 2021.